

Criança, desenho, terreiro e educação: rabiscando as trilhas da decolonialidade

Niño, dibujo, terreiro y educación: garabateando los senderos de la decolonialidad

Ailma da Silva Conceição¹

Eduardo Oliveira Miranda²

Resumo

Na tessitura desse trabalho, tenciono meu olhar para compreendermos como as crianças que convivem nos espaços de um terreiro de candomblé se relacionam e como as suas produções artísticas são percebidas nos espaços formais de educação. O ponto norteador desse trabalho é poder propagar e efetivar as leis nº 10.639/03 e a lei nº 11.645/08 na prática educacional nos espaços formais de educação. Identificando a necessidade de formações que possam preparar melhor os profissionais da educação para que possam, dentro da sala de aula, valorizar e enaltecer os corpos e cultura dos subalternos que por décadas foram invisibilizados com direcionamentos das classes eurocêntricas que detêm a hegemonia. Este trabalho ancora-se nos caminhos metodológicos da sociopoética, uma ferramenta de pesquisa etnográfica que os pesquisados contribuem ativamente com a construção dos dados, dando um caráter ainda mais insurgente ao trabalho. Conclui-se que os desenhos constituem uma possibilidade relevante para a construção da identidade e entendimento da sua ancestralidade, valores que, quando apropriados, constroem uma educação mais representativa.

Palavras-chave: Educação, Desenho. Terreiro. Decolonialidade.

Abstracto

En el tejido de este trabajo pretendo mirar a comprender cómo los niños que viven en los espacios de un terreiro de Candomblé se relacionan entre sí y cómo sus las producciones artísticas se perciben en los espacios formales de la educación. El eje rector de este trabajo es poder difundir e implementar las

¹Ailma da Silva Conceição é pedagoga, mestranda do curso de Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS, Feira de Santana, BA). s.ailma@yahoo.com

²Eduardo de Oliveira Miranda é doutor em Educação (UFBA, Salvador, BA) e Professor (UEFS, Feira de Santana, BA). eduardomiranda48@gmail.com

leyes nº 10.639/03 y nº 11.645/08 en la práctica educativa en los espacios de educación formal. Identificando la necesidad de una formación que pueda preparar mejor a los profesionales de la educación para que puedan, dentro del aula, valorar y potenciar los cuerpos y la cultura de los subordinados que durante décadas han sido invisibilizados por las direcciones de las clases eurocéntricas que ostentan la hegemonía. Este trabajo está anclado en los caminos metodológicos de la sociopoética, una herramienta de investigación etnográfica que los investigados contribuyen activamente a la construcción de datos, dando un carácter aún más insurgente a la obra. Se concluye que los dibujos constituyen una posibilidad relevante para la construcción de la identidad y la comprensión de su ancestralidad, valores que, en su caso, construyen una educación más representativa.

Palabras clave: Educación, Dibujo. Terreiro. Decolonialidad.

O saber epistemológico afro-brasileiro contribuiu efetivamente para a construção da civilização brasileira mas, em razão do racismo estrutural, esse patrimônio conduziu-se para o seu soterramento ao longo do tempo. Esse processo tem refletido na Educação, que nem sempre tem criado instrumentos de libertação e às vezes acaba sendo ainda mais opressora. Ao ponto de muitas crianças pertencentes às religiões da cultura africana não se sentirem representadas, são podadas e muitas vezes proibidas de expressar livremente os desenhos sobre a história do seu povo nos espaços formais de educação.

A educação, por sua vez, pode e deve contribuir para um sistema mais igualitário, plural, menos opressor. Construindo uma estrutura libertária de formação de sujeitos empenhados em uma sociedade mais democrática.

Se falar em terreiro de Candomblé já era difícil, mais delicado ainda era tocar nesse assunto de preocupação com educação para os negros. Em um país marcadamente racista que levou muitos anos para ter negros ocupando esses espaços, sobretudo porque ainda não superou o papel de intolerância religiosa.

Criança de candomblé na aprendizagem e formação social

Para Silva, Santana e Ferreira (2018) o desenho da criança revela uma espécie de comunicação e entendem no outro um receptor predisposto a se comunicar. Esse desenho expressa o seu plano mental em construção pelo desenhista. Desse modo, uma criança de terreiro pode abordar as vivências, história do povo negro, como os mitos ressignificados na diáspora (*idem*).

Quando os alunos pertencentes às culturas afro brasileiras adentram a escola trazem consigo o seu repertório, sua leitura de mundo, o seu saber ancestral, e a escola precisa estar apta para valorizar essa bagagem, propondo uma construção emancipatória e que proporcione ao seu educando uma visão ampliada das contribuições afro-brasileiras para o seu legado.

Percebe-se que a Educação precisa repensar de que forma ela vem contribuindo no forjar do corpo-território dos educandos e dos educadores. A educação para a democracia e para a emancipação acontece com desafios às normas impostas pelo sistema. Confrontar e questionar as imposições são práticas habituais do corpo-território que é estimulado a utilizar o senso crítico para compreender de que forma as ações hierarquizadas rebatem na sua leitura de mundo (MIRANDA, 2019, P.27).

Dessa forma, é pertinente discutir o conceito de ancestralidade, pois pode servir de base para o entendimento sobretudo dos valores que os alunos transmitem através do desenho em sala de aula.

O desenho pode constituir-se em um símbolo que traduz uma narrativa transmissora de saberes ancestrais e importantes na formação da criança enquanto sujeito e conhecedora da tradição do candomblé.

Os desenhos manifestam-se como uma arma bastante profícua utilizada pela criança. As pesquisas desses desenhos expressam a leitura, interpretação, que a criança faz desse universo que acaba sendo o universo também dela, pelo grau de familiaridade que ela possui com esse espaço. Esse desenho torna-se um registro que pode servir de material de estudo, pois as crianças, geralmente, captam detalhes importantes como as ferramentas dos Orixás, cores, a forma que cada Orixá se apresenta e tudo isso é importante para que a criança já cresça em contato com a sua tradição (FALCÃO, 2010). O desenho faz parte do cotidiano dessas crianças, e muitos desses desenhos são traçados de forma aleatória. Quando criança é normal projetarmos no imaginário alguns desejos e idealizações que podem ser traduzidos através

dos desenhos pois, por meio do desenho, a criança representa o seu universo interno. “O desenho é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural e artificial em que vivemos” (GOMES,1996, P.13).

Dessa forma, assim como o desenho infantil é introduzido na sociedade a partir das crianças que começam a aprender na escola suas primeiras competências e habilidades, assim também as vivências de terreiros constroem uma educação de valores para uma criança de candomblé e ela expressa isso em seus desenhos.

Desse modo, a criança pode dialogar com essa aprendizagem, sobretudo a apreendida oralmente conversando, se expressando, ou desenhando. Justamente porque essa produção infantil constrói uma espécie de diálogo com a própria criança que ela vai seguir alimentando ou dar por encerrado. Cabe ressaltar que o desenho não é a única forma de aprendizagem e diálogo do Candomblé, a contação de histórias, o próprio fazer dentro do espaço religioso também se constituem em solo fértil para que a criança aprenda, se expresse, materialize e dialogue com o seu próprio objeto de estudo.

Conclusão

Ao longo do tempo, com as mudanças sociais que influenciaram a concepção de criança, temas variados ganharam destaque dentro da sociedade. O desenho infantil é um desses temas. No início, essa produção infantil foi analisada com uma ótica comportamental, biológica, pautada no universo adulto, entretanto, com os avanços dos estudos nessa área, cada vez mais têm aparecido estudos que buscam sair desse viés e trazer a abordagem do desenho infantil como uma expressão, uma linguagem.

Percebe-se que a Educação precisa repensar de que forma ela vem contribuindo no forjar do corpo-território dos educandos e dos educadores. A

educação para a democracia e para a emancipação acontece com desafios às normas impostas pelo sistema.

Objetiva-se através dessa reflexão crítica a necessidade de capacitação e disponibilidade de suportes didáticos, para que os profissionais da educação possam trabalhar as leis nº 10639/03 e 11.645/08. E com isso possam valorizar e enaltecer os corpos subalternos que foram sucumbidos pela sociedade.

Em suma, discutir educação em espaços de terreiros é o resultado de uma luta significativa dos grupos de religiões de matriz africana que passaram anos lutando por legitimação e liberdade de culto. Mesmo os estudos sobre a Educação dentro do terreiro ser algo um pouco recente, a educação em espaços não-formais sempre foi algo que se fez presente nas comunidades tradicionais. Nesses lugares, a criança aprende a sua cultura, os seus valores, bem como diversas formas de se incluir da forma mais cidadã possível na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FALCÃO, Christiane Rocha. **“Ele já nasceu feito”**: o lugar da criança no **Candomblé** / Christiane Rocha Falcão. – Recife: O autor, 2010.

FERREIRA, João Victor Gonçalves. **Terreiro é lugar de aprender: pensando as infâncias nos espaços educativos dos terreiros**. Gira mundo, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 103 - 116, jul. / dez. 2019.

GOMES, Luis Vidal de Negreiros. **Desenhismo**: Luis Vidal de Negreiros. Santa Maria. Editora da UFSM, 1996.

MACHADO, Vanda. **EXU: O SENHOR DOS CAMINHOS E DAS ALEGRIAS**. VI Enecult: Encontros de estudos multidisciplinares em cultura, 25 a 27 de maio 2010.

MEREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. Ed. pensamentos-cultrixltda. Rua Dr. Mário Vicente, 368-04270-000-São Paulo, SP, 1974.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Trocas de peles no Atiba-Geo: proposições decoloniais e afro-brasileiras na invenção do corpo-território docente/** Eduardo Oliveira Miranda. - 2019. 157 f. :il.

OLIVEIRA, Amurabi. Caputo, Stella Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.296p.

OLIVEIRA, Eduardo. “**Epistemologia da ancestralidade**”. Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>.

SILVA, Hellen Mabel Santana, Marise de Santana, Edson Dias Ferreira. **"Oxumaré também mora aqui"! O olhar de crianças de terreiro sobre a festa de São Bartolomeu**. Revista Periferia, v.10, n.1, p. 47 - 70, Jan./Jun. 2018.